

CARTOGRAFIA(S) DE ORFEU NA POESIA BRASILEIRA

Prof. Dr. Antônio Donizeti PIRESⁱ (UNESP/Araraquara)

Resumo:

Este trabalho pretende colaborar, através da seleção e da leitura comparativa de poemas de autores previamente selecionados, para o estabelecimento de uma história e de uma cartografia do mito de Orfeu na poesia brasileira, em seus vários momentos histórico-literários e em seus vários e até contraditórios significados estéticos e éticos.

Palavras-chave: Poesia brasileira; Poesia e mito; Diacronia e sincronia; Modernidade; Contemporaneidade.

1 Introdução

O trabalho aqui apresentado é um recorte do projeto de pesquisa “Demandas de Orfeu (e do Orfismo) na poesia brasileira moderno-contemporânea”, que desenvolvo na UNESP, *campus* de Araraquara, na qualidade de professor da área de literatura brasileira.

Do ponto de vista da literatura comparada, o projeto é bastante privilegiado, pois possibilita um manejo interessante de várias modalidades comparatistas: **a)** como estuda a presença de Orfeu no Brasil, ancora-se em pressupostos da chamada “escola alemã”, que investiga a migração de temas, motivos, tópicos, mitos e/ou personagens históricos de uma literatura a outra, ou destas para a oral, em tempos e espaços descontínuos; **b)** possibilita a comparação da literatura brasileira com a clássica greco-latina, matriz literária do mito de Orfeu; **c)** possibilita a comparação da brasileira com outras literaturas modernas (a francesa, a espanhola, a portuguesa e a italiana, sobretudo), onde o périplo de Orfeu deixou marcas indeléveis; **d)** possibilita, no interior da literatura brasileira, a comparação dos poetas entre si, pois é diferente o modo por que Orfeu é percebido na Colônia e o modo como atravessa estes bicudos tempos pós-modernos; **e)** enfim, o projeto pode abrir-se para a comparação intersemiótica da poesia com as outras artes, dada a rica iconografia que herdamos sobre o mito de Orfeu, inclusive no Brasil.

Para o momento, privilegio a quarta maneira, através da rápida leitura de alguns poemas significativos do Orfismo à brasileira. Porém, antes vejamos rapidamente alguns traços característicos do mito.

2 O mito de Orfeu (e Eurídice)

Tradicionalmente, o ciclo mítico de Orfeu (a narrativa) constitui-se de quatro mitemas fundamentais: **a)** a fabulosa viagem do poeta ao lado dos Argonautas, em busca do Velocino de Ouro; **b)** o casamento infeliz com a ninfa Eurídice, que, vitimada por uma serpente, é logo perdida pelo poeta; **c)** a consequente catábase de Orfeu ao Hades, aonde vai para tentar resgatar a esposa do mundo dos mortos; **d)** por fim, a violenta morte de Orfeu, esquartejado pelas enciumadas bacantes da Trácia. Em todas as situações, sobressai o Orfeu portador da **lira**, cujo canto soberbo (música e palavra; construção e sentido; som e imagem) encanta os monstros marinhos, os animais da Terra e outros elementos naturais, bem como os próprios deuses do mundo subterrâneo, Hades e Perséfone. Se o primeiro mitema é vincadamente épico, tendo-nos legado epopeias e poemas épicos como a anônima *Argonáuticas órficas* ou a *Argonáutica* de Apolônio de Rodes ou a de Valério Flaco, os

ⁱ Prof. Dr. Antônio Donizeti PIRES
Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* de Araraquara
Departamento de Literatura
E-mail: adpires@fclar.unesp.br

outros três são acentuadamente líricos e dramáticos: assim, o frustrado amor de Orfeu e Eurídice, ou a morte do poeta, fizeram brotar, principalmente desde Ovídio e Virgílio, uma pletora de poemas líricos, poemas dramáticos, óperas, tragédias, tragicomédias, comédias, pinturas, esculturas, mosaicos, filmes, contos, romances, histórias em quadrinhos...

3 O Orfismo

Além desses aspectos mais gerais, afeitos aos dicionários e tratados de Mitologia, outros problemas avolumam o “feixe de contradições” que é Orfeu, pois se crê que ele teria sido fundador de um culto místico e iniciático que leva seu nome, o **Orfismo**: este, mais propriamente vincado por aspectos místico-religiosos, nem por isso deixou de imiscuir-se nas representações mais estritamente mítico-poéticas do bardo lendário. Assim, se em alguns momentos da literatura universal as representações **mais puras** (mítico-poéticas) possam prevalecer, em outros é quase impossível deslindar-se, no vasto acervo literário e iconográfico que provém de Orfeu, o limite entre questões estético-poéticas e questões ético-religiosas. Isto já está documentado em pelo menos duas obras literárias da Antiguidade tardia atribuídas a Orfeu, os anônimos *Hinos órficos* e *Argonáuticas órficas* (além dos lapidários e de obras várias de cunho teogônico e/ou esotérico). Com o advento da modernidade romântico-simbolista, pode-se dizer que a **con-fusão** entre o mito e o fundador religioso se dá principalmente nos modos por que o poeta moderno se caracteriza e se autoneia Demiurgo, Iniciado, Vidente, Tradutor, Profeta, Vate, Eleito... e tem em Orfeu seu protótipo platônico-ideal. É o início, diríamos, de um **pensamento órfico** mais claramente moderno, em relação à poesia e ao poeta, embora ainda seja muito complicado afirmar-se exatamente o que constitui e o que caracteriza tal **pensamento órfico** (*vide* Fernando Pessoa).

4 Orfeu na literatura brasileira

4.1 Tema e motivo

No Brasil, ainda que não haja tradição de estudos sobre Orfeu ou sobre o Orfismo, é possível vislumbrar-se pelo menos três fases (ou modos) diferentes da aparição de Orfeu em nossa poesia lírica: na primeira (que vai, *grosso modo*, do Barroco ao Parnasianismo), ele é apenas tema e motivo, como constatamos em poemas de Gregório de Matos, Silva Alvarenga, Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga, Raimundo Correa ou Olavo Bilac. Deste, o soneto abaixo transcrito (de *Tarde*, 1919), é exemplar do aproveitamento temático simples do mito (em seu quarto mitema, pois trata da morte do poeta); aproveitamento que então se escora nos postulados estéticos do Parnasianismo (aparato descritivo e decorativo, impessoalidade, objetividade, clareza):

“A morte de Orfeu”

Em vão as bacantes da Trácia procuraram consolá-lo. Mas Orfeu, fiel ao amor de Eurídice, encarcerada no Averno, repeliu o amor de todas as mulheres. E estas, despeitadas, esquartejaram-no.

Houve gemidos no Ebro e no arvoredado,
Horror nas feras, pranto no rochedo;
E fugiram as Mênades, de medo,
Espantadas da própria maldição.

Luz da Grécia, pontífice de Apolo,
Orfeu, despedaçada a lira ao colo,
A carne rota ensanguentando o solo,
Tombou... E abriu-se em músicas o chão...

A boca ansiosa um nome disse, um grito,
Rolando em beijos pelo nome dito:

‘Eurídice!’, e expirou... Assim Orfeu,

No último canto, no supremo brado,
Pelo ódio das mulheres trucidado,
Chorando o amor de uma mulher, morreu...
(BILAC, 1997, p.331-332).

4.2 Simbolismo e arredores

No segundo modo (que pode englobar Simbolismo e Pré-Modernismo, abarcando os anos de transição de 1893 a 1923), já subjaz certa **cosmovisão órfica** na obra de alguns poetas, notadamente Cruz e Sousa. Outros, que poderíamos considerar da “Segunda Geração Simbolista” (Ernani Rosas, Alceu Wamosy, Homero Prates, Clemente Ritz...), por certo aproveitaram o intenso trabalho de Dario Veloso em Curitiba (onde o Simbolismo brasileiro mais tingiu-se de postulados esotéricos), poeta que, apegado ao rito, ao mito e à iniciação, fundou o Instituto Neo-Pitagórico (1909), sediado no Templo das Musas, bem como ressuscitou festas pagãs gregas a estas consagradas.

Para vincar a diferença entre os procedimentos estéticos parnasianos e simbolistas, evidenciando-se quão mais perto estes estão de uma cosmovisão órfica moderna (em termos formais e semânticos, imagéticos e rítmicos, dados o tema e a musicalidade sugestivos do poema abaixo, mas também a metapoeticidade e a caracterização do poeta como louco e, por extensão, maldito e pária social), vejamos o seguinte soneto de Cruz e Sousa (de *Últimos sonetos*, 1905):

“O assinalado”

Tu és o louco da imortal loucura,
O louco da loucura mais suprema.
A Terra é sempre a tua negra algema,
Prende-te nela a extrema Desventura.

Mas essa mesma algema de amargura,
Mas essa mesma Desventura extrema
Faz que tu’alma suplicando gema
E rebente em estrelas de ternura.

Tu és o Poeta, o grande Assinalado
Que povoa o mundo despovoado,
De belezas eternas, pouco a pouco...

Na Natureza prodigiosa e rica
Toda a audácia dos nervos justifica
Os teus espasmos imortais de louco!
(SOUSA, 1995, p.201).

4.3 Modernismo e contemporaneidade

No terceiro momento (a partir dos anos 1940/50 até a esta parte), decerto por influxo da divulgação, entre nós, de poetas como Rilke e Fernando Pessoa, constata-se a configuração mais plena e efetiva de uma **poesia realmente órfica e original**, cujos vários matizes podem: **a)** misturar elementos mítico-poéticos e místico-religiosos típicos do ciclo de Orfeu (Dora Ferreira da Silva); **b)** acrescer a estes atributos católico-cristãos (Jorge de Lima); **c)** emular Orfeu com o poeta moderno decaído, sem função na sociedade capitalista (Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade); **d)** explorar uma imagética mais tradicional, em termos de tema e motivo, dos vários mitemas que compõem a trajetória do lendário poeta-amante (Dante Milano, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Marly de Oliveira); **e)** aclimatar Orfeu à realidade social brasileira (Vinicius de Moraes, no teatro) etc. Para o ensejo, vejamos dois poemas de Murilo Mendes extraídos de *As metamorfoses* (1944),

livro cujo título ressalta o rico processo de apropriação e transformação do poeta lendário, através do qual Mendes se insere em seu momento histórico-político-social e refaz o questionamento sobre o papel do poeta no “mundo caduco”, destituído de sentido¹:

“Orfeu”

O sino volta de longe,
Desperta a ronda infantil.
Os homens-enigmas passam,
Não reconhecem ninguém.
O mundo muitas vezes
É tão pouco sobrenatural.

Penso nas amadas vivas e mortas,
Penso em suas filhas
Que são um pouco minhas filhas.

Ajudo a construir
A Poesia futura,
Mesmo apesar dos fuzis.

Os planetas vão se aproximando,
Alguém volta para o céu:
O universo é um só.
(MENDES, 2002, p.85).

“Novíssimo Orfeu”

Vou onde a poesia me chama.

O amor é minha biografia,
Texto de argila e fogo.

Aves contemporâneas
Largam do meu peito
Levando recado aos homens.

O mundo alegórico se esvai,
Fica esta substância de luta
De onde se descortina a eternidade.

A estrela azul familiar
Vira as costas, foi-se embora!
A poesia sopra onde quer.
(MENDES, 2002, p.124).

No caso de Dora Ferreira da Silva, pode-se dizer que os deuses ainda habitam a Terra, numa simbiose entre sagrado, poesia e telúrico difícil de separar. Assumidamente órfica, a poesia da autora paulista (tradutora de Rilke e Jung, entre nós) é presidida pelas figuras de Perséfone Koré, Orfeu e Apolo. A presença destes, mais a valorização da Natureza e a aceitação plena do mistério, confere à obra da artista uma singular cosmovisão órfica, pois mescla o que chamo **Orfismo**

¹ Para maior aprofundamento desta e de outras questões órficas na poesia de Murilo Mendes, veja PIRES (2010).

mítico-poético e Orfismo místico-religioso – ou seja, a poeta tematiza passagens do ciclo mítico de Orfeu tal qual a tradição e os manuais de Mitologia nos ensinam, porém ultrapassa o descritivismo puro e simples porque vai gravando, a cada novo poema, o inequívoco sinal de pertencimento à crença ancestral dos órficos, dotando então sua poesia de rara sacralidade, hermetismo e plena comunhão com a Natureza, com o ser humano e os animais, com Deus e os deuses, com o passado e o presente, buscando aquela atemporalidade essencial, mistérica, iniciática, que parece definir, para Dora, a poesia lírica. Por tudo isto, leiamos o metapoético “Orfeu” (publicado em 1973, em *Uma via de ver as coisas*), que faz a conexão necessária entre o vate lendário e o poeta presente; e leiamos também o misterioso (e também metapoético) “Órfica”, poema emblemático do pensamento da poeta, pois que aparece e reaparece em vários de seus livros (*Uma via de ver as coisas*, 1973; *Poemas da estrangeira*, 1995; *Hídrias*, 2004)²:

“Orfeu”

I

Canto canções
para os que morreram.
Doces animais acorrem
para ouvir o canto
e me acolhem
nos quietos corações:
pomba, pavão,
pássaros de beira d’água,
cervos, esquilos
e a Árvore.
Vem a pantera, agora mansa.
Sob as folhas vivas
sustenho na mão a lira.
É isso a solidão.

II

Colheu a flor – o Poema –
arrancou-o à resina da vida
e entre as páginas prendeu-o
debatendo-se, vivo.
A fonte alimentou-o nas águas.
E a mão o feriu
para dispersá-lo
e, nele, o coração.

III

Sob a Árvore chamas,
sem que os lábios falem.
Eis o cervo, a pantera,
a áspide, o pássaro,
o boi ruminando sombra:
ramos dispersos,
bebem o orvalho da música,
reunidos nas cordas
de teu claro
coração.

² Para maior aprofundamento desta e de outras questões órficas na poesia de Dora Ferreira da Silva, veja PIRES (2010 e 2011).

(SILVA, 1999, p.93).

“Órfica”

Não me destruas, Poema,
enquanto ergo
a estrutura do teu corpo
e as lápides do mundo morto.
Não me lapidem, pedras,
se entro na tumba do passado
ou na palavra-larva.
Não caias sobre mim, que te ergo,
ferindo cordas duras,
pedindo o não-perdido
do que se foi. E tento conformar-te
à forma do buscado.
Não me tentes, Palavra,
além do que serás
num horizonte de Vésperas.

(SILVA, 2004, p.30).

Apesar de muito breve, suponho que a leitura comparativa dos poemas tenha ajudado a delinear a história e a cartografia do mito de Orfeu na poesia brasileira, em seus diversos períodos histórico-literários, e em seus vários e até contraditórios significados estéticos e éticos.

À guisa de (in)conclusão

Depois do rápido périplo, considero positivo refletirmos (ainda que haja poucas respostas) sobre algumas questões fundamentais (e atemporais) sobre o mito, suas migrações e aproveitamento literário; sobre a literatura comparada; e sobre a literatura brasileira: Quem é Orfeu? Quem é o poeta? Quem é o poeta brasileiro? Qual a função do mito? Qual a função do poeta? Qual a função do poeta brasileiro? Por que migra Orfeu? Como migra Orfeu? Tais migrações são comparáveis às migrações e às e/migrações do povo e do poeta do Brasil? Que metamorfoses o mito de Orfeu vai delineando nas várias literaturas pelas quais per/passa? Que características novas, espaciais e temporais, sintáticas e semânticas, vai adquirindo Orfeu em suas andanças de uma literatura a outra? Qual o real significado de Orfeu (histórico, diacrônico e sincrônico) na literatura brasileira? A utilização do mito de Orfeu, na literatura brasileira, diminuiria a originalidade e a qualidade de sua produção? Ou faria com que ela se desvirtuasse de questões inerentes a nossa cultura, tais a identidade, o nacionalismo, a ruptura, a antropofagia, o empenho ético-social? Por que estudar Orfeu? Ele teria relações com algum mito prototípico indígena brasileiro, em relação à capacidade demiúrgica de criação? Se sim, que comparações estabelecer entre ambos, uma vez que Orfeu (o Orfismo) está baseado numa teogonia que diverge da teogonia tradicional grega? Seria possível considerar, em civilizações diferentes, que viagens ao Inferno pressuponham um pensamento órfico? Como este se dá? O que é pensamento órfico? Em suma, o que é poesia órfica? O que é poesia órfica, ontem e hoje? Toda poesia é órfica?

Enfim, a estrutura, a essência e os temas da poesia lírica talvez ainda sejam os mesmos, na Grécia arcaica e no Brasil dilemático que emerge neste século XXI. Porém, é meu direito advogar, em face de um mítico/místico Orfeu grego, um Orfeu brasileiro de carne e osso (ou mesmo de papel e tinta), cujo canto-palavra medule e module as nossas contrapostas e contraditórias vozes roucas, nem sempre audíveis.

Referências bibliográficas

BILAC, O. Tarde. In:_____. **Poesias**. Organização e prefácio de Ivan Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p.265-381.

MENDES, M. **As metamorfoses**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002.

PIRES, A. D. O canto órfico de Dora Ferreira da Silva. In: VOLOBUEF, K.; HERRERA ALVAREZ, R. G.; WIMMER, N. (Org.). **Dimensões do fantástico, mítico e maravilhoso**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011 (Estudos Literários, 10). p.103-137.

_____. A Orfeu, dois poemas da estrangeira. **Texto Poético** (Revista do GT Teoria do Texto Poético – ANPOLL), Araraquara, v. 9, 2º semestre de 2010. Disponível em <http://www.textopoetico.com.br/index> Data da consulta: 13 de julho de 2011.

_____. Orfeu nos trópicos: Cláudio Manuel da Costa e Murilo Mendes. In: PIRES, A. D.; FERNANDES, M. L. O. (Org.). **Matéria de poesia: crítica e criação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010 (Estudos Literários, 9). p.135-167.

SILVA, D. F. da. **Hídrias**. São Paulo: Odysseus, 2004.

_____. Uma via de ver as coisas. In:_____. **Poesia reunida**. Introdução de Gerardo Mello Mourão e estudos de Ivan Junqueira et al. Rio de Janeiro: Topbooks/ABL; Mogi das Cruzes, SP: Universidade de Mogi das Cruzes, 1999. p.71-110.

SOUSA, J. da C. e. Últimos sonetos. In:_____. **Obra completa**. Organização de Andrade Murici. Atualização e notas de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p.177-227.